Revista de Educação, vol. VI, nº 2, 1997
Departamento de Educação da F.C. da U.L.

ASSISTENTES SOCIAIS, ENGENHEIRAS E TAXISTAS: UMA ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS DO GÉNERO

LUÍSA SAAVEDRA
Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho

INTRODUÇÃO

O objectivo básico dos dois estudos que aqui se apresentam foi analisar como é que a concepção de feminilidade e masculinidade pode explicar os diferentes domínios profissionais escolhidos por adolescentes do sexo feminino e masculino.

Três pressupostos estão subjacentes à investigação empírica que foi elaborada.

O primeiro é o de que os estereótipos do género têm uma influência determinante na escolha de profissões tipicamente femininas, por parte das raparigas, e na escolha de profissões tipicamente masculinas, por parte dos rapazes.

O segundo pressuposto é de que a influência dos estereótipos nas escolhas é desfavorável aos elementos do sexo feminino. As mulheres concentram-se geralmente em profissões de menor estatuto e remuneração (Betz, 1994; Betz & Fitzgerald, 1987; Vetter, 1978) e quando ambos os sexos ocupam os mesmos domínios profissionais, as mulheres dificilmente atingem o topo da carreira ou ocupam lugares de chefia (Gottfredson, 1978).

O último pressuposto é de que a diferente distribuição da mulher no mundo do trabalho é consequência de um sistema de representações sociais que influência diferencialmente os grupos que ocupam uma posição dominante ou uma posição dominada. Este sistema social influencia, assim, o processo de socialização e a identidade de cada grupo, quer este seja racial, social ou sexual (Lorenzi-Cioldi, 1988).

Para a prossecução do nosso objectivo foram realizados dois estudos. O primeiro foi um estudo piloto onde se seleccionaram os estereótipos que os adolescentes associam à imagem da mulher e do homem adulto. No segundo estudo estes estereótipos são associados a episódios onde se apresentam personagens que desempenham profissões tradicionalmente femininas e masculinas de baixo e elevado prestígio.

ESTUDO 1

Quando se estudam os estereótipos do género levantam-se geralmente dois tipos de questões: uma de foro quantitativo (número de atributos que caracterizam cada uma das categorias do género) e outra de foro qualitativo (conteúdo dessas categorias). Rozenkrantz, Vogel, Bee, Broverman & Broverman (1968) verificaram que o estereótipo masculino era caracterizado por 29 traços, que formavam o agrupamento da competência, e o estereótipo feminino por 12, que formavam o agrupamento da expressividade. Também estudos realizados em Portugal apontam para um número mais reduzido de traços associados ao feminino do que ao masculino (Amâncio, 1989; Neto & Williams, 1989). Tendo em conta estes estudos, é de supor que em presença de uma extensa lista de traços, os sujeitos tenderão a associar um maior número de traços ao estereótipo masculino do que ao feminino, pois o estereótipo masculino é identificado com a noção de adulto (Amâncio, 1994), apresentando-se como mais abrangente.

A segunda questão relaciona-se com o conteúdo interno de cada um dos estereótipos e tem sido alvo de diferentes conceptualizações. A mais clássica abordagem dos estereótipos, baseada na orientação de papéis na família, associa à mulher um papel essencialmente expressivo e ao homem um papel assente na instrumentalidade. A instrumentalidade caracteriza-se por uma orientação para a realização de um objectivo e pela manipulação do meio; a expressividade por uma preocupação com a harmonia no grupo e relacionamento entre os membros desse mesmo grupo (Parsons e Bales, 1955). No entanto, mais recentemente foi sugerido um modelo tridimensional em que se opõem as dimensões instrumental/expressivo - orientação para o trabalho ou satisfação pessoal; dominância/ submissão - exercer influência sobre os outros ou submeter-se a essa influência; e a sociabilidade

positiva/negativa - orientação positiva ou negativa nas relações interpessoais (Bales e Cohen, 1979, referido por Amâncio, 1989).

Relativamente à dimensão da sociabilidade pensamos que, dada a fase etária da população utilizada neste estudo e a importância de que as relações interpessoais se revestem nesta idade, esta dimensão não será discriminativa da categoria feminina e masculina. Além disso, os resultados de um estudo que incluía população universitária inserida e não inserida no mundo do trabalho indicou, também, que para os sujeitos não inseridos no mundo de trabalho o recurso aos traços de sociabilidade era independente das categorias sexuais (Amâncio, 1989).

Por outro lado é de supor que sendo a sexualidade e o erotismo particularmente relevantes nesta idade para a construção da identidade do género (Abrams, 1989; Shaffer, 1994), se manifeste uma dimensão mais associada ao erotismo e que será distintiva para o estereótipo masculino e feminino. Sendo assim, a dimensão sociabilidade poderá ser substituída pela dimensão erotismo, mantendo-se no entanto as outras duas dimensões: instrumentalidade/expressividade e dominância/submissão.

MÉTODO

Amostra

Participaram no estudo 1, na qualidade de juízes, 50 alunos e 50 alunas todos do 12º ano de escolaridade, pertencendo a três dos quatro cursos existentes nesse ano. 60 alunos frequentavam o Agrupamento 1 (Científico-Natural), 20 alunos o Agrupamento 3 (Económico-Social) e, igualmente, 20 alunos frequentavam o Agrupamento 4 (Humanidades).

Procedimento

Este estudo consistiu, numa primeira fase, na tradução dos 400 atributos apresentados nos anexos do manual do *Bem Sex-Role Inventory* (Bem, 1981). Estes atributos foram, por sua vez, reduzidos para cerca de 200 com base na repetição de palavras que se apresentavam com significados iguais ou muito semelhantes em português. Posteriormente, a estes atributos foram acrescentados alguns dos utilizados por Amâncio (1989, 1992) e que não apareciam na listagem anterior.

Foi pedido, a um grupo de alunos do 12º ano, que sugerisse características que julgasse poder definir os homens e as mulheres portuguesas. Este trabalho levou à elaboração de uma lista de cerca de 80 traços, alguns dos quais não coincidiam com nenhuma das duas listas anteriores. O objectivo desta tarefa foi avaliar o eventual aparecimento de itens mais característicos da nossa cultura e do nível etário da amostra que participaria nos estudos. Todo este processo levou à elaboração de 255 traços.

Em seguida, pediu-se a colaboração de outro grupo de alunos do 12º ano e procedeu-se a uma reflexão falada dos traços, a fim de avaliar a inteligibilidade dos mesmos e a concordância entre os alunos quanto ao seu significado. Este processo levou à redução dos 255 traços iniciais para 220. Retiraram-se os traços sobre os quais não existia acordo entre os alunos quanto ao seu significado ou que eram desconhecidos para alguns, como por exemplo, assertivo, altruísta, cordial; quando dois traços tinham um significado muito próximo (afável/meigo, perseverante/persistente) foi retirado um deles tendo-se mantido aquele que os alunos consideravam mais inteligível.

Os traços assim obtidos foram passados em cinco turmas do 12º ano até se obter um total de 50 elementos de cada sexo. Dentro de cada turma constituíram-se quatro grupos de alunos:

- um grupo de raparigas (metade do número total de raparigas da turma) avaliou os traços femininos;
- um grupo de raparigas (a outra metade do número total de raparigas da turma) avaliou os traços masculinos;
- um grupo de rapazes (igualmente metade do número total de elementos do sexo masculino) avaliou os traços femininos;
- um grupo de rapazes (a restante metade de elementos do sexo masculino) avaliou os traços masculinos.

Com esta divisão da turma em quatro grupos conseguiu-se que as 50 respostas femininas fossem provenientes dos três cursos do 12º ano, o mesmo acontecendo com as 50 respostas dos juízes do sexo masculino.

De salientar que os traços eram iguais para todos os alunos, embora estivessem formulados ora no masculino ora no feminino, consoante as instruções: "Gostaríamos que indicasses até que ponto é desejável, na sociedade portuguesa, que um homem possua essas características" ou "Gostaríamos que indicasses até que ponto é desejável, na sociedade portuguesa, que uma mulher possua essas características".

Quadro I

Médias das Respostas e Significância Tendo em Conta o Sexo dos Juízes e o Sexo dos Itens - *Itens para o Estereótipo Feminino*

"PARA UMA MULHER"			"PARA UM HOMEM"		
JUIZ FEM.	JUIZ MASC	ITEM	JUIZ FEM.	JUIZ MAS	F
5.68	5.68	apaixonada	5.58	4.76	4.15*
2.76	2.72	apática	2.31	1.88	6.44**
5.76	6.28	atraente	5.19	4.46	19.78***
5.56	5.76	charmosa	5.36	4.92	4.31*
4.40	4.24	conservadora	4.19	3.40	3.8*
3.12	3.88	coscuvilheira	2.32	2.36	9.71**
5.64	5.40	cuidadosa	4.92	5.04	8.47**
3.88	4.16	dependente	3.31	3.24	6.52**
3.76	4.04	desprotegida	2.62	2.72	18.50***
5.20	5.04	emocional	4.85	4.12	7.75**
6.20	5.36	equilibrada	5.54	5.16	5.24*
5.20	5.16	expressa emoções facilmente	4.81	4.50	6.01**
5.60	6.00	expressa facil/ sent. de ternura	5.12	4.88	12.68***
6.20	5.80	feminina	2.38	1.96	231.28***
6.20	5.72	fiel	5.38	4.76	10.83***
4.36	4.40	frágil	3.12	2.40	39.02***
5.32	5.28	gosta de agradar	5.00	4.32	6.64**
6.12	6.40	gosta de crianças	5.73	4.96	15.73***
4.64	5.08	gosta de ser protegida	3.15	3.44	36.19***
4.20	4.48	impressionável	3.65	3.84	4.90*
3.12	3.60	imprudente	2.88	2.72	5.52*
3.40	3.76	inibida	2.88	3.20	4.44*
3.64	3.72	insegura	3.12	2.80	5.92**
6.24	5.64	maternal	5.08	4.20	18.14***
5.84	6.00	meiga	5.65	5.28	6.51**
3.84	3.48	pessimista	2.62	2.88	9.48**
5.76	6.00	presta atenção à sua aparência	5.23	5.56	5.08*
4.88	4.52	reservada	4.00	3.84	10.07**
5.28	5.52	sensível	5.00	4.92	3.95*
4.96	5.28	sentimental	4.88	4.44	3.68*
5.32	4.84	séria	4.50	4.44	3.76*
3.17	3.92	submissa	2.92	2.92	5.69**
3.64	3.84	tímida	3.23	3.12	6.78**
4.84	4.40	vaidosa	4.35	3.75	3.85*

* p<.05 ** p<.01 *** p<.001

RESULTADOS

Procedeu-se à realização de uma análise de variância 2 x 2 (sexo dos juízes x tipo avaliação dos traços) a fim de seleccionar os itens do estereótipo feminino e masculino. Com "tipo de avaliação dos traços" queremos significar uma análise dos traços segundo uma perspectiva de estereótipos femininos ou do estereótipos masculinos.

Um traço foi considerado feminino quando foi avaliado, tanto pelos juízes femininos como masculinos, como sendo mais desejável para uma mulher do que para um homem ($p < .05$). De igual modo, um traço foi considerado masculino quando foi avaliado, tanto por raparigas como por rapazes, como sendo mais desejável para um homem do que para uma mulher ($p < .05$).

Assim, e de acordo com este critério os traços ou atributos que se revelaram estatisticamente significativos (Quadro I) para a categoria feminina foram: apaixonada, apática, atraente, charmosa, conservadora, coscuvilheira, cuidadosa, dependente, desprotegida, emocional, equilibrada, expressa emoções facilmente, expressa facilmente sentimentos de ternura, feminina, fiel, frágil, que gosta de agradar, gosta de crianças, gosta de ser protegida, impressionável, imprudente, inibida, insegura, maternal, meiga, pessimista, presta atenção à sua aparência, reservada, sensível, séria, tímida, sentimental, submissa, vaidosa.

Os atributos masculinos que apresentaram valores estatisticamente significativos (Quadro II) foram os seguintes: ambicioso, astuto, atlético, aventureiro, capaz de defender aquilo em que acredita, capaz de separar as ideias dos sentimentos, capaz de tomar decisões sem ajuda, com capacidade de chefia, com jeito para negócios, com os pés assentes na terra, com pouca necessidade de segurança, competente, competitivo, comunicativo, corajoso, decidido, desinibido, dinâmico, directo, disposto a correr riscos, dominador, empreendedor, expansivo, extrovertido, firme, forte, gosta de liderar, intransigente, liberal, lutador, machista, masculino, não chora facilmente, não é facilmente influenciável, ousado, paternalista, personalidade forte, perspicaz, seguro de si.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo indicam que existe um número considerável de atributos que reúnem consenso entre ambos os sexos como sendo mais característicos de uma categoria sexual do que da outra. Dos 220 traços postos à consideração dos juízes, 73 reuniram consenso entre ambos os sexos, tendo sido atribuídos 34 traços à categoria feminina e 39 à categoria masculina. No entanto, dos 34 traços que caracterizam o feminino só 9 apresentam uma elevada significância estatística (<.001), enquanto 19 dos 39 traços masculinos apresentam esta mesma significância.

Esta assimetria quantitativa pode ser explicada pelo facto da identidade masculina ser um denominador comum da pessoa adulta; o homem é caracterizado por uma diversidade de papéis, enquanto a mulher se encontra circunscrita a papéis muito específicos e que limitam a sua caracterização a um número de atributos mais reduzidos (Lorenzi-Cioldi, 1988; Amâncio, 1989, 1992, 1994).

Quanto ao conteúdo dos estereótipos, o feminino encontra-se essencialmente virado para a esfera afectiva e relacional, ou da expressividade, quer seja na sua relação com os outros em geral, quer na sua função maternal. Esta dimensão é representada pelos atributos "expressa facilmente sentimentos de ternura", "fiel", "maternal" e "gosta de crianças". Uma segunda dimensão salienta a fragilidade ou submissão e é constituída pelos traços "desprotegida", "frágil" e "gosta de ser protegida". Finalmente, a terceira dimensão mais associada ao erotismo, englobaria os traços "atraente" e feminina".

No que diz respeito ao estereótipo masculino, este parece organizar-se igualmente em três dimensões. Uma parece estar mais virada para a instrumentalidade, ou competência profissional, e englobaria os traços "com capacidade de chefia", " com jeito para negócios", "ambicioso", competitivo" e "competente". A outra dimensão caracterizaria mais o relacionamento consigo próprio e com os outros através de uma dimensão de assertividade ou dominância, e seria constituída pelos traços: "atlético", "aventureiro", "decidido", "dinâmico", "dominador", "firme", "forte", "intransigente", "personalidade forte", "perspicaz", "não chora facilmente" e "seguro de si". A terceira dimensão, representada pelos traços "machista" e "masculino", parece ser equivalente à dimensão de erotismo feminino. Designaremos o conjunto dos traços "machista" e "masculino" por erotismo masculino, por comparação com a dimensão feminina, mas é importante salientar que elas representam características distintas. O erotismo feminino assenta, sobretudo, no aspecto físico e de objecto de desejo. Em contrapartida, a dimensão de erotismo masculino recorre ao conceito "machista", que assenta no domínio que o homem exerce sobre a mulher e que acentua, portanto, a dominância masculina.

A principal hipótese deste trabalho era de que

Quadro II

Médias das Respostas e Significância Tendo em Conta o Sexo dos Juízes e o Sexo dos Itens - *Itens para o Estereótipo Masculino*

"PARA UMA MULHER"			" PARA UM HOMEM"		
JUIZ FEM.	JUIZ MASC.	ITEM	JUIZ FEM.	JUIZ MASC.	F
4.76	4.44	ambicioso	5.50	5.40	13.65***
4.84	4.52	astuto	5.54	5.04	5.14*
3.04	3.68	atlético	5.15	5.44	45.90***
3.88	3.60	aventureiro	5.38	5.44	44.11***
4.56	3.76	com capacidade de chefia	5.60	5.56	29.71***
4.84	4.20	com jeito para negócios	5.54	5.16	13.41***
4.76	4.32	capaz de separar ideias de sentimentos	5.50	5.04	7.65**
4.68	4.12	capaz tomar decisões sem ajuda	4.92	5.24	7.08**
5.68	5.12	capaz defender aquilo em que acredita	5.96	5.84	6.06**
5.52	4.44	com os pés assentes na terra	5.69	5.28	4.40*
3.24	3.12	com pouca necessidade de segurança	3.77	3.76	4.63*
5.56	5.24	competente	6.12	5.76	10.13**
4.64	4.28	competitivo	5.15	5.60	14.35***
5.44	5.52	comunicativo	5.96	5.76	4.36*
4.76	4.00	corajoso	5.35	4.92	9.20*
5.32	4.56	decidido	5.96	5.52	14.37***
5.36	4.88	dinâmico	5.88	5.88	12.63***
4.72	4.84	directo	5.50	5.04	5.04*
4.60	4.52	disinibido	5.12	5.20	7.79**
4.40	4.16	disposto a correr riscos	5.23	4.80	10.06**
3.36	3.12	dominador	4.58	4.64	23.05***
4.64	5.00	empreendedor	5.62	5.48	8.25**
4.64	3.64	expansivo	4.88	4.60	4.10*
4.76	4.00	extrovertido	5.36	5.00	9.01**
4.80	4.20	firme	5.42	5.56	22.02***
4.40	3.88	forte	5.77	5.42	28.21***
3.84	3.64	gosta de liderar	5.23	4.92	28.09***
2.88	2.88	intransigente	3.69	3.68	10.88***
4.60	4.20	liberal	4.88	4.92	4.30*
5.36	4.48	lutador	5.81	5.24	6.70**
2.68	2.52	machista	4.04	4.00	17.43***
2.20	2.40	masculino	6.12	5.52	128.19***
3.28	2.88	não chora facilmente	4.64	3.96	15.24***
4.64	3.68	não é facilmente influenciável	4.85	4.64	5.77**
4.16	4.20	ousado	4.81	4.64	4.24*
4.40	3.88	paternalista	5.42	4.48	5.60*
5.08	4.68	personalidade forte	5.88	5.92	19.94***
4.92	4.40	perspicaz	5.46	5.56	13.49***
5.08	4.96	seguro de si	5.52	5.48	12.58***

* p<.05 ** p<.01 *** p<.001

as concepções de masculinidade e feminilidade são responsáveis pelos diferentes domínios profissionais escolhidos por adolescentes do sexo feminino e masculino. Como veremos no estudo 2, para testar esta hipótese criamos oito situações experimentais em que os sujeitos deveriam caracterizar profissões tradicionalmente femininas e masculinas através dos estereótipos seleccionados no estudo 1.

ESTUDO 2

Referimo-nos já ao facto de a diferente distribuição da mulher no mundo do trabalho ser consequência de um sistema de representações sociais que influência diferencialmente os grupos que ocupam uma posição dominante ou uma posição dominada (Lorenzi-Cioldi, 1988). Nesta mesma linha de ideias, a noção de masculinidade e feminilidade conceptualizada neste trabalho é a de que estas dimensões constituem um sistema de representação social e que não têm, por isso, um estatuto de realidade psicológica. São, antes, dimensões socialmente úteis para representar o indivíduo e que estão em congruência com a organização social das relações entre os sexos. São, pois, essencialmente ideológicas (Delvigne, 1995).

Esta perspectiva tem consequências a vários níveis dos quais salientaremos apenas as que poderão ser evidenciados através deste estudo.

Um primeiro aspecto refere-se à ausência de simetria, entre os grupos dominantes e dominados, na procura de diferenciação intergrupal.

Um estudo realizado por Doise, Deschamps & Meyer (1978) mostrou que a acentuação das diferenças intercategoriais e semelhanças intracategoriais não é simétrica. A um grupo de jovens eram mostradas 6 fotografias (3 de rapazes e 3 de raparigas) e pedido que caracterizassem essas fotografias a partir de uma lista de 24 traços. Através deste estudo verificaram que os rapazes apresentavam uma tendência significativamente maior para acentuar as diferenças intercategoriais que as raparigas e para acentuarem mais fortemente as semelhanças intracategoriais das fotografias das raparigas do que das fotografias dos rapazes.

Um segundo aspecto refere-se à contextualidade do comportamento feminino, ou seja, ao facto de a sua percepção ser variável com os contextos em que se manifesta.

Um estudo realizado por Gonen e Lansky (1968) indica que os rapazes se podem identificar com as características femininas sem por isso perderem a sua identidade masculina, enquanto as raparigas associam à percepção de uma forte masculinidade a diminuição da feminilidade. Igualmente um estudo realizado por Johnson (1976; referido por Amâncio, 1994) veio mostrar que, relativamente ao exercício do poder, os actores do sexo masculino podem utilizar formas de exercício do poder mais associadas ao feminino sem que isso afecte a sua percepção de masculinidade, mas quando os actores do sexo feminino recorrem a comportamentos ligados ao exercício de poder tipicamente masculino são vistos como essencialmente masculinos.

Tendo por base estes quadros teóricos, a investigação construiu-se através da seguinte questão geral: o que acontece na representação da masculinidade e feminilidade, quando a mesma profissão é desempenhada por um homem ou uma mulher? Esta questão levou à elaboração de outra intimamente ligada com a primeira: o que acontece quando varia a profissão (tipicamente feminina ou masculina, de prestígio baixo ou elevado), mas o sexo do personagem é o mesmo em todas elas?

Relativamente a estas questões as nossas expectativas são de que o comportamento de uma protagonista feminina seja percepcionado como mais feminino quando esta desempenhar profissões tipicamente femininas e mais masculino quando desempenhar profissões consideradas tipicamente masculinas.

Finalmente, levantamos ainda outra questão: haverá diferenças no modo de percepcionar o comportamento destas personagens quando elas são avaliadas por adolescentes do sexo feminino ou de sexo masculino?

Para esta questão a nossa expectativa é de que as raparigas percepcionem uma mulher e um homem de um modo mais indiferenciado e que os rapazes efectuem percepções mais discriminativas sobre o comportamento de uma mulher e uma homem.

MÉTODO

Amostra

O estudo 2 foi constituído por uma amostra de 296 sujeitos do 11° ano de escolaridade provenientes dos 4 Agrupamentos do ensino secundário. 52.4% eram do sexo feminino e 47.6% do sexo masculino. A média de idades foi de 16.7.

Procedimento

A forma final do material utilizado neste estudo consistiu na construção de 8 questionários (Saavedra, 1995). Em cada um deles apresentavam-se 4 profissões (engenheiro, taxista, caixa de

supermercado e assistente social) que eram representadas por um protagonista do sexo masculino ou feminino. Os sujeitos deveriam caracterizar estes profissionais (protagonistas) através dos traços seleccionados no estudo 1.

As 4 profissões apresentadas no questionário foram, previamente, escolhidas a partir de uma lista de 9 profissões e postas à consideração de cerca de 40 alunos do ensino secundário.

Por sua vez estas 9 profissões foram seleccionadas tendo em conta o seu prestígio e tipificação sexual com base num estudo de Shinar (1975) e noutro de Gottfredson e Brown (1978).

Tal como a maior parte dos estudos indicam, também neste estudo não foi possível encontrar nenhuma profissão tipicamente feminina de prestígio elevado.

A profissão de engenheiro mecânico, ao contrário do que era previsível pelos estudos anteriormente referidos, foi classificada como de prestígio médio, mas tipicamente masculina e como tal, e à semelhança do estudo realizado por Pfost e Fiori (1990), foi seleccionada por permitir uma maior semelhança com a de assistente social, considerada também de prestígio médio, mas tipicamente

Quadro III

Grau de Prestígio e Tipificação Sexual das 9 Profissões

	Prestígio				Tipificação sexual			
	E	M	B		F	M	N	
Ag. polícia	5	**27**	6	42.13***	0	**32**	7	16.03***
assist. social	7	**26**	6	19.54***	**27**	0	12	5.76*
cabeleireiro	1	18	**20**	16.77***	21	0	18	.23 (ns)
caixa	0	9	**30**	11.30***	**26**	0	13	4.33*
engº mecânico	14	**21**	4	11.33**	0	**36**	3	27.92***
gestor emp.	**34**	5	0	21.56***	2	**25**	12	20.46***
prof.primário	9	**23**	7	11.70**	20	0	19	.02 (ns)
psicólogo	**27**	9	3	24.00***	16	5	**18**	7.53*
taxista	0	11	**28**	7.41**	2	**32**	5	42.00***

E- elevado M- médio B- baixo F-feminina M-Masculina N-Neutra
* p<.05 ** p<.01 ***p<.001 ns- não significativo

feminina, embora com uma significância (p<.05) muito inferior à de engenheiro (p<.001).

As 9 profissões postas à consideração dos alunos e os respectivos resultados são apresentados no Quadro III.

A manipulação das variáveis sexo do actor, prestígio e tipificação sexual das profissões apresentadas nos 8 episódios pode ser analisada no Quadro IV.

Quadro IV

Manipulação das Variáveis das Profissões Apresentadas nos Episódios

Episódio	sexo do actor	prestígio	tipificação sexual
1. engº mecânico	masculino	médio	masculina
2. taxista	masculino	baixo	masculina
3. caixa de supermercado	masculino	baixo	feminina
4. assistente social	masculino	médio	feminina
5. engªmecânica	feminino	médio	masculina
5. taxista	feminino	baixo	masculina
7. caixa de supermercado	feminino	baixo	feminina
8. assistente social	feminino	médio	feminina

Estas 8 profissões foram integrados em 8 questionários diferentes (Saavedra, 1995) onde era apresentado o contexto profissional do protagonista e a actividade desempenhada. Os sujeitos deveriam caracterizar, a partir de uma escala Likert de 5 pontos, o protagonista constante do seu questionário através de 40 atributos (20 do estereótipo feminino e 20 do masculino) seleccionados no estudo 1. Além disso, era-lhes pedido que caracterizassem a profissão aí apresentada quanto ao seu prestígio e tradicionalidade numa escala de 3 pontos.

RESULTADOS

Com o objectivo de encontrar uma organização factorial dos 20 traços de cada estereótipo que facilitasse as posteriores análises entre os estereótipos e as variáveis independentes, começou-se por realizar uma análise factorial em componentes principais dos traços associados aos 8 episódios, com rotação ortogonal.

O resultado final das análises factoriais permitiu obter 3 componentes para a categoria feminina e 3 para a masculina.

Quanto ao estereótipo feminino (Quadro V), as três componentes foram designadas de: (1) *expressividade* (cuidadosa, emocional, expressa sentimentos de ternura, fiel, gosta de agradar, gosta de crianças, maternal e meiga); (2) *submissão* (dependente, desprotegida, pessimista e tímida) e (3) *erotismo feminino* (atraente e feminina).

Relativamente ao estereótipo masculino (cf. quadro VI) as três dimensões foram designadas por: (1) *dominância* (atlético, aventureiro, decidido,

forte, personalidade forte e seguro de si); (2) *instrumentalidade* (ambicioso, com jeito para negócios, competitivo e gosta de liderar); e (3) *erotismo masculino* (machista e masculino).

Quadro V

Análise Factorial do Estereótipo Feminino

	Comp1 Expres-sividade	Comp2 Submissão	Comp3 Erotismo
atraente	.17	-.00	**0.79**
cuidados	**.59**	-.15	-.04
depende	.12	**.53**	-.01
desprotegida	.14	**.66**	-.19
emocional	**.65**	.09	.08
expressa ternura	**.77**	.01	.15
feminina	.18	.03	**.75**
fiel	**.65**	.06	.05
gosta degradar	**.59**	.05	.04
gosta de crianças	**.80**	.13	.10
maternal	**.66**	.17	.29
meiga	**.84**	.06	.15
pessimista	-.06	**.54**	.11
tímida	.03	**.67**	-.03
V.P.	4.37	1.84	1.24
% Var	29.1	12.2	8.3

Para testar os efeitos das variáveis independentes nas variáveis dependentes foi realizada uma análise multivariada de variância 4x2x2x3x3x3 (profissão x sexo do actor x sexo dos sujeitos x prestígio da profissão x tradicionalidade da profissão x nível sócio-cultural). As variáveis dependentes eram os traços dos estereótipos organizados nas seis dimensões: expressividade, submissão, erotismo feminino, dominância, instrumentalidade e erotismo masculino.

Os resultados das análises multivariadas revelaram efeitos principais significativos da profissão e sexo do actor (Quadro VII), da tradicionalidade das profissões (Quadro VIII) e do prestígio (Quadro IX). Não se manifestaram efeitos significativos de sexo dos sujeitos, do nível sócio-cultural dos sujeitos, nem interacções entre as variáveis independentes.

Análises univariadas de variância revelaram que os efeitos principais das profissões e sexo do actor se manifestaram nos traços de expressividade do estereótipo feminino [F (7.253)=9.57 p<.001], nos traços de erotismo do estereótipo feminino [F(7.253)=14.63 p<.001], nos traços de dominância do estereótipo masculino [F (7,253)=9.40 p<.001], nos traços de instrumentalidade do estereótipo masculino [F (7,253)=23.51 p<.001] e nos traços de erotismo de estereótipo masculino [F (7,253)=13.13 p<.001].

Quadro VI

Análise Factorial do Estereótipo Masculino

	Comp 1 Dominância	Comp 2 Instrumento	Comp 3 Erotismo
ambicioso	.21	**.73**	-.12
atlético	**.40**	.17	-.02
aventureiro	**.59**	.26	-.18
jeito para neg	.17	**.82**	.09
competitivo	.20	**.68**	.15
decidido	**.74**	.,22	.00
forte	**.83**	.09	.05
liderar	.23	**.74**	.16
machista	-.16	.18	**.81**
masculino	.14	.02	**.86**
pers. forte	**.82**	.17	.11
seguro de si	**.77**	.14	.01
V.P	4.20	1.72	1.25
% Var.	35.0	14.3	10.4

A variável tradicionalidade revelou efeitos principais nos traços de erotismo do estereótipo feminino [F(2.253)=9.54 p<.001] e nos traços de instrumentalidade [F(2.253)=8.13 p<.001] e erotismo do estereótipo masculino[F(2.253)=13.85 p<.001].

Relativamente ao prestígio dos episódios os efeitos principais significativos revelaram-se nos traços de expressividade [F(2.253)=5.02 p<.001] e nos traços de submissão do estereótipo feminino [F(2.253)=9.32 p<.001]. Manifestaram-se, ainda, efeitos principais nos traços de dominância [F(2.253)=35.35 p<.001] e de instrumentalidade do estereótipo masculino [F(2.253)=48.21 p<.001].

Análises das médias e comparações *post hoc* realizadas pelo teste de Scheffé permitiram analisar entre que profissões e sexo do actor, níveis de prestígio e tradicionalidade se revelaram as

diferenças significativas em cada uma das variáveis dependentes.

No que diz respeito ao efeito da profissão e sexo do actor apresentado no episódio (Quadro VII), os dados permitem tirar as seguintes conclusões: (1) no que diz respeito à expressividade, quando o actor exerce a profissão de assistente social, independentemente do seu sexo, diferencia-se significativamente dos actores que exercem as profissões de caixa e engenheiro, quer estes sejam do sexo feminino ou masculino, manifestando os primeiros mais comportamentos de expressividade que os últimos; o episódio em que o actor é taxista só apresenta diferenças significativas quando se trata de comparar uma mulher taxista, com um homem engenheiro, apresentando neste caso a mulher mais traços de expressividade que o homem; (2) o agrupamento do erotismo feminino, influencia, principalmente, as diferenças entre os episódios em que o actor é do sexo masculino e aquelas em que o actor é do sexo feminino, independentemente da sua profissão; a única excepção é a profissão taxista, do sexo feminino, que nunca tem diferenças com os outros actores masculinos, mas unicamente com a engenheira do sexo feminino, que apresenta mais as características deste componente; (3) a dimensão dominância do estereótipo masculino encontra-se, fundamentalmente, associado às profissões de engenheiro e assistente social, em ambos os sexos, e à de taxista do sexo feminino; (4) a instrumentalidade distingue significativamente os actores que desempenham profissões de prestígio mais elevado dos de prestígio menos elevado, sendo os primeiros que apresentam significativamente mais estes atributos; dentro das profissões de prestígio mais elevado existem diferenças significativas entre um engenheiro, independentemente do seu sexo, e a assistente social, quer este seja do sexo feminino ou masculino; (5) o erotismo masculino, tal como o feminino, serve para diferenciar os actores masculinos e femininos sendo, no entanto, excepções as diferenças entre engenheiro e caixa, ambos do sexo masculino, e entre engenheiro e assistente social, igualmente do sexo masculino; estes dados sugerem que estas características, além de distinguirem o sexo dos actores, distinguem também profissões que apresentam uma vertente relativamente acentuada de feminilidade ou masculinidade.

No que diz respeito à tradicionalidade das profissões (Quadro VIII), as análises efectuadas com o teste de Scheffé permitem concluir que: (1) o erotismo feminino distingue significativamente as profissões tipicamente femininas das tipicamente masculinas; (2) o erotismo masculino aparece associado às profissões tipicamente masculinas; (3) os traços de instrumentalidade aparecem significativamente associados às profissões tipicamente masculinas e neutras.

Quadro VII

Médias Associadas aos Estereótipos por Profissão e Sexo do Actor

	Expressividade*	Submissão	Erotismo Feminino*	Dominância	Instrumentalidade	Erotismo Mascul.*
Ep. 1-Engenheiro M	2.47	2.00	1.72	2.87	3.80	3.03
Ep.2- Taxista M	3.01	2.21	1.41	2.57	2.12	2.71
Ep.3- Caixa M	2.53	2.16	1.72	2.28	2.07	2.21
Ep. 4- Ass. Social M	3.54	1.82	1.91	3.37	2.68	2.08
Ep. 5-Engenheiro F	2.69	1.73	3.22	3.21	3.91	1.46
Ep.6- Taxista F	3.26	2.14	2.12	3.03	2.48	1.92
Ep.7- Caixa F	2.69	2.26	2.69	2.15	1.98	1.43
Ep. 8- Ass. Social F	3.73	1.89	2.81	3.31	2.85	1.31

* p<.001

Quadro VIII

Médias Associadas aos Estereótipos por Tradicionalidade

	Expressividade*	Submissão	Erotismo Feminino*	Dominância	Instrumentalidade*	Erotismo Mascul.*
Femininas	2.99	2.14	2.63	2.57	2.27	1.57
Masculinas	2.94	2.00	1.90	2.85	2.88	2.44
Neutras	3.03	2.02	2.20	2.95	2.84	2.01

* p<.001

As análises *post hoc* com o teste de Scheffé indicam, relativamente ao prestígio das profissões (Quadro IX), que: (1) os traços de expressividade são significativamente atribuídos às profissões percepcionadas com prestígio elevado, contrastando significativamente com as profissões de prestígio baixo; (2) os atributos de submissão do estereótipo feminino aparecem significativamente associados às profissões de prestígio baixo; (3) o efeito principal do prestígio nos traços de dominância distinguem as profissões de prestígio baixo, das de prestígio médio e alto, sendo as profissões de prestígio elevado aquelas a que estes traços mais são atribuídos; (4) a instrumentalidade aparece significativamente associada às profissões de prestígio elevado.

Quadro IX

Médias Associadas aos Estereótipos por Prestígio

	Expressividade*	Submissão	Erotismo Feminino*	Dominância	Instrumentalidade	Erotismo Mascul.*
P. Baixo	2.71	2.36	2.05	2.33	2.11	2.15
P.Médio	3.04	2.00	2.13	2.88	2.70	2.02
P. Elevado	3.17	1.84	2.43	3.22	3.32	1.97

* p<.001

Como as dimensões de erotismo feminino e masculino, ao diferenciarem predominantemente os protagonistas femininos e masculinos, pareciam coincidir com uma vertente biológica de diferença entre os sexos decidiu-se proceder a uma análise traço a traço dessas dimensões.

Realizou-se, então, uma análise de variância (*one-way*) entre os traços atraente, feminina, machista e masculina e as variáveis profissão e sexo do actor (Quadro X) para analisar o efeito que os episódios tinham nestes 4 traços.

Quadro X

Médias Associadas aos Traços de Erotismo por Episódio

	atraente*	feminina*	machista*	masculino*
engenheiro M	1.68	1.76	2.58	3.47
taxista M	1.40	1.43	2.46	2.97
caixa M	1. 81	1.63	1.58	2.84
as. social M	1.81	1.97	1.46	2.70
engenheiro F	3.08	3.37	1.34	1.58
taxista F	1.68	2.55	1.63	2.21
caixa F	2.28	3.11	1.47	1.39
as. social F	2.31	3.30	1.31	1.31

* p<.001

As análises *post hoc* com o teste de Scheffé revelaram que: (1) o traço "atraente" distingue significativamente a engenheira de todas as personagens masculinas e simultaneamente de taxista do sexo feminina, ou seja, taxista chega a ser menos atraente que um caixa ou assistente social do sexo masculino; (2) o traço "feminina" distingue significativamente todos os protagonistas masculinos das protagonistas femininas que exercem a profissão de engenheira, caixa e assistente social, mas a taxista possui significativamente menos este atributo que engenheira e assistente social; (3) o traço "machista" distingue significativamente engenheiro e taxista, ambos do sexo masculino, de engenheira, caixa e assistente social, todos do sexo feminino e de assistente social do sexo masculino; (4) o traço "masculino" distingue significativamente todos os protagonistas do sexo masculino das protagonistas femininas que desempenham as profissões de engenheira, caixa e assistente social, mas taxista do sexo feminino só se diferencia significativamente de engenheiro do sexo masculino.

DISCUSSÃO

Contrariamente às nossas expectativas, o sexo dos sujeitos não teve grande peso nos resultados deste estudo. Pensamos que, embora a diferente distribuição da amostra pelos dois sexos e o seu reduzido número possam estar na base desta ausência de efeito, outros factores podem explicar estes resultados. Um estudo realizado por Spence e Helmreich (1979) com sujeitos entre os 15 e os 44 anos de idade, e que revelou efeitos principais do sexo e interacção do sexo com a idade, levaram os autores a pensar que pode existir uma tendência geral dos mais novos para aderirem mais entusiasticamente às mudanças sociais, mas que o casamento e a paternidade aumentariam a sua tradicionalidade. Além disso, à medida que os homens avançam ao longo do ciclo vital, particularmente os da classe média, as qualidades instrumentais ajudam-nos a gerir uma série de tarefas e responsabilidades associadas com o trabalho e a família. No caso das mulheres, nem o casamento (que acentua os traços de expressividade), nem o trabalho (que é de menor responsabilidade e estatuto) encorajam o desenvolvimento de comportamentos de instrumentalidade.

Diversos estudos realizados em Portugal têm mostrado que existem geralmente diferenças entre os adolescentes e os adultos (Nogeira, 1995), e até entre os jovens adultos e adultos (Amâncio, 1994), em diferentes dimensões da masculinidade e feminilidade.

Uma perspectiva mais optimista seria encarar estes resultados como um índice de mudança da representação que os jovens de ambos os sexos fazem dos estereótipos associados ao feminino e masculino. A dúvida fica no ar.

Mas se é certo que neste estudo não houve diferenças significativas entre os sexos, no modo de conceptualizar as personagens feminina e masculinas em diferentes profissões, houve no

entanto diferenças significativas noutras variáveis. Estas diferenças vêm, talvez, lançar alguma luz sobre a razão porque certas profissões são preteridas pelas raparigas.

Passaremos então a considerar, mais detalhadamente, as imagens de masculinidade e feminilidade de certas personagens que se tornaram particularmente salientes.

A profissão de engenharia mecânica, desempenhada por uma protagonista feminina, revela-se com uma imagem particularmente positiva. Esta profissional é de todas as protagonistas femininas a que é vista como mais feminina e atraente, facto que talvez se possa explicar devido a trabalhar num meio essencialmente masculino. Por isso poderá ter mais oportunidade de ser percepcionada como usando mais a sedução do que aquelas que trabalham em ambientes em que o número de mulheres é predominante. Além disso, consegue conciliar estas características iminentemente femininas com a dominância e a instrumentalidade - características masculinas, sendo mesmo, em termos absolutos, mais instrumental que os engenheiros do sexo masculino.

Em contrapartida, a assistente social caracteriza-se pela expressividade e erotismo feminino, no que diz respeito às dimensões femininas, e pela dominância, no que diz respeito às dimensões de masculinidade.

Assim, duas dimensões distinguem significativamente estas profissionais: a expressividade, que caracteriza essencialmente a assistente social, e a instrumentalidade, que caracteriza predominantemente a engenheira mecânica. Então, o problema das escolhas tipicamente femininas e masculinas poderia estar relacionado com estas duas dimensões.

Por um lado é possível que as raparigas associem baixas expectativas de auto-eficácia relativamente aos comportamentos de instrumentalidade ou liderança que caracterizam a engenharia e, ao mesmo tempo, apresentem altas expectativas de auto-eficácia para a profissão de assistente social associada a comportamentos de expressividade. Assim sendo, o problema da quase ausência de raparigas nas engenharias não se explica por falta de aptidões intelectuais em disciplinas como a matemática ou física onde, como alguns estudos observaram (CIDM, 1992, 1993; Morais & Carvalho, 1993), as alunas portuguesas obtêm bons resultados académicos. Os resultados deste estudo também vão em sentido contrário aos encontrados por outros autores em que as engenheiras são vistas como menos sensuais do que outras mulheres (Pfost & Fiori. 1990). A fraca representatividade do sexo feminino na engenharia mecânica e super-representatividade no serviço social estariam antes ligadas a um sentimento de ausência de competências para a instrumentalidade e a liderança e um eventual medo de perder os traços de expressividade.

Este último aspecto leva-nos a pensar que a dimensão da instrumentalidade e da expressividade serão as dimensões fundamentais para discriminar o feminino e o masculino, pelo menos para a escolha de uma profissão, e que têm um peso determinante nesta escolha.

Assim, este estudo vem confirmar a ideia da contextualidade do comportamento feminino. Para os jovens que participaram nesta investigação uma mulher não pode ser simultaneamente expressiva e instrumental, pois estas dimensões são incompatíveis na mesma personagem. A ideia de androginia não faz, assim, parte da quadro conceptual dos jovens face ao mundo de trabalho.

Outro dado que nos parece interessante é o facto da dimensão feminina-atraente e masculino-machista ser utilizada, predominantemente, para distinguir os actores femininos dos masculinos. No entanto, esta categorizarão, que poderia à primeira vista parecer assentar numa avaliação próxima de uma vertente biológica, acaba por ter um significado distinto através de uma análise mais discriminativa.

A análise de cada um dos traços associados às duas dimensões do erotismo permite-nos obter resultados mais concretos. O primeiro, é que a engenheira se apresenta como a mais atraente e feminina de todas as profissionais do sexo feminino, como já indicavam os resultados da dimensão erotismo. Contrastando claramente com estes dados, aparece-nos a profissão de taxista, exercida por uma mulher, que é de todas as profissionais do sexo feminino a que se apresenta como menos atraente e feminina. Ao mesmo tempo, esta profissional, aparece tão masculina como taxista, caixa e assistente social do sexo masculino, sendo apenas menos masculina do que o engenheiro.

Se considerarmos que taxista é uma profissão de prestígio baixo e engenheira uma profissão de prestígio elevado, como indicam as avaliações feitas pelos sujeitos e publicados noutro artigo (Saavedra, 1995a), então temos de considerar que a feminilidade e masculinidade funcionam distintamente quando se trata de um grupo dominado e dominante. Aliás o facto da dimensão "submissão", do estereótipo feminino, só ter tido efeitos principais significativos nas profissões de prestígio baixo vem acentuar a ideia da profissão

de taxista ter sido percepcionada como pertencente a um grupo dominado.

Assim, uma mulher engenheira não é percepcionada com um estatuto claramente dominado. Estamos perante uma situação de categorização cruzada em que uma das posições anula parcialmente os efeitos da outra. Esta posição particular que ocupa no sistema social permite-lhe, apesar de tudo, manter algumas características de feminilidade positivamente avaliadas, como é o caso dos traços atraente e feminina. Em contrapartida, quando uma mulher desempenha a profissão de taxista, não só ocupa uma profissão tipicamente masculina, o que torna particularmente saliente os traços de masculinidade ou de feminilidade negativa, como ocupa uma profissão de baixo prestígio social. É, portanto, duplamente percepcionada como grupo dominado. Neste caso, estamos perante uma situação de categorização cruzada que potencia negativamente os efeitos da situação de posição social dominada.

Encarando os resultados nesta perspectiva, não é fácil conceber uma alteração de estereótipos, a curto ou médio prazo, porque esta passa necessariamente por uma mudança ideológica das representações associadas à posição social do grupo feminino face ao masculino. Não defendemos, no entanto, que se fique de braços cruzados. Pequenas contribuições que passam por intervenções ao nível da escola, das políticas educativas e de emprego poderão ter a sua importância. Outras intervenções mais indirectas que contribuam para um maior respeito e dignidade do homem e da mulher em geral, sejam eles(as) brancos(as) ou negros(as), crianças ou velhos(as), poderão dar, a longo prazo, os seus frutos. Desenvolver o respeito pela cidadania e acreditar que as grandes mudanças são feitas de pequenos nadas é talvez a única possibilidade de mantermos acesa a chama da esperança num mundo menos discriminativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, D. (1989). Differential association: social developments in gender identity and intergroup relations during adolescence. In S. Skevington & D. Baker (Eds). The social identity of women. London: Sage Publications.

AMÂNCIO, L. (1994). *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Lisboa : Edições Afrontamento.

AMÂNCIO, L. (1989). *Factores Psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Técnica de Lisboa.

AMÂNCIO, L. (1992). As Assimetrias nas Representações do Género. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 34, Fev., 9-21.

BEM, S. (1981). *Bem Sex-Role Inventory: Professional Manual*. Palo Alto: CA Consulting Psychologists.

BETZ, N. E. & Fitzgerald, L. F. (1987). *The Career Psychology of Women*. London: Academic Press.

BETZ, N. E. (1994). Basic issues and concepts in career counseling for women. In W. Walsh & S. Osipow(Eds). *Career counseling for women*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

CIDM (1992, 1993). *Portugal: Situação das Mulheres*. Lisboa

DELVIGNE, A. D. (1995). Gender identity and situations of power. In L. Amâncio & C. Nogueira (Eds). *Gender, Management and Science*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.

DOISE, W., DESCHAMPS, J.-C. & MEYER, G. (1978). The accentuation of intra-category similarities. In H. Tajfel (Ed). *Differentiations Between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations*. London: Academic Presss.

GONEN, J. V. & LANSKY, L. M. (1968). Masculinity, femininity and masculinity-femininity: a phenomenological study of MF sacle of the MMPI, *Psychological Reports, 23*, 183-194.

GOTTFREDSON, L. (1978). An analytical description of employment according to race, sex, prestige and Holland type of work. *Journal of Vocational Behavior, 13,* 210-221.

GOTTFREDSON, L. S. & BROWN, V. C. (1978). Holland codes for the 1960 and 1970 censuses: Detailed occupational titles. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology, 8*, 22 (Ms. Nº. 1660).

LORENZI-CIOLDI, F. (1988). *Individus dominants et groupes dominés: images masculines et féminines*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

MORAIS, M. M. & CARVALHO, J. E. (1993). *A presença das mulheres no ensino superior em Portugal*. Lisboa:CIDM

NOGUEIRA, C. (1995). Gender representations and perceptions of managerial power. In L. Amâncio & C. Nogueira (Eds). *Gender, Management and Science*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.

NETO, F. & WILLIAMS, J. (1989). Estereótipos sexuais em jovens adultos: Estudo intercultural. *Revista Portuguesa de Pedagogia, XXIII*, 163-176.

PARSONS, T. & BALES, R. F. (1955). *Family, Socialization and Interaction Process*. N. Y.: Free Press.

PFOST, K. S. & FIORE, M. (1990). Pursuit of nontradicional occupations: Fear of sucess or fear of not being chosen ? *Sex Roles, 23*, 1/2, 15-24.

ROZENKRANTZ, P. S., VOGEL, S. R., BEE, H., BROVERMAN, I. K.& BROVERMAN, D. M. (1968). Sex-role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 32*, 287-295.

SAAVEDRA, L. (1995). *Identidade do género e escolha de carreira em adolescentes*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga.

SAAVEDRA, L. (1995a). Impacto dos estereótipos do género nas profissões. In L. S. Almeida, M. S. Araújo, M. C. Vila-Chã & M. H. Oliveira(Eds). *Áreas de Intervenção e Compromissos Sociais dos Psicólogos*. Lisboa: APPORT.

SHAFFER, D. R. (1994). *Social and Personality Development*. California: Brooks/Cole Publishing Company.

SHINAR, E. H. (1975). Sexual stereotypes of occupations. *Journal of Vocational Behavior, 7*, 99-111.

SPENCE, J. T. & HELMREICH, R. L. (1979). Comparison of masculine and feminine personality attributes and sex-role attitudes across age groups. *Developmental Psychology, 16*, 5, 583-584.

VETTER, L. (1978) . Career Counseling for Women. In L.S. Hanson e R. S. Rapoza (eds) *Career Development and Counseling of Women*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher.

RESUMO

O objectivo deste estudo foi analisar quais os estereótipos do género associados a determinadas profissões tipicamente femininas e masculinas, de prestígio baixo e elevado. As profissões que mais se salientaram foram as de assistente social, engenheira e taxista. As assistentes sociais caracterizam-se pela dimensão expressividade e pelos traços atraente e feminina; as engenheiras pelas dimensões de instrumentalidade e dominância e pelos traços atraente e feminina; as taxistas pela dimensão de dominância, por serem pouco atraentes e masculinas. Os resultados são analisados no quadro da dominação simbólica.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyse which gender stereotypes are present at certain traditionally female or masculine occupations with high or low prestige. The most outstanding occupations have been social worker, engineer and taxi driver (all feminines protagonists). The social workers are expressive, attractive and feminine; the engineers are instrumental, dominant, attractive and feminine and the taxi drivers are dominant, not so much attractive and masculine. Results are analised in a simbolic dominant approach.

RESUMÉ

Le but de cet étude a été d' analyser quelles etaient les stéreotypes du gendre associés a certaines professions tradicionellement feminine et masculine , de haut et bas prestige. Les professions plus ressortantes ont été celle d'assistante social, ingénieur et taxiste. (Protagonistes féminines).
Les assistantes social se caractérisent par la dimensions d'expressivité , d'attirance et de féminininité ; les ingénieures par la dimensions d'instrumentalité, dominance, attirance et femininité ; les taxistes par la dimension de dominance, peut attirantes et masculines. Les resultats sont analysés dans le cadre de la domination symbolique.